



Epifanias que não tive¹

Giovanna Garcia de LIMA²

Emerson de Castro Firmo da SILVA³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

O jornalismo e a opinião sempre tiveram uma ligação forte. A literatura apareceu no meio do caminho devido os romancistas que encontravam na imprensa uma forma de sobrevivência. Os resquícios deixados pelos escritores e especialmente por Rubem Braga, o cronista puro, são encontrados nos jornais até os dias de hoje. A crônica é um gênero que foi se moldando ao longo do tempo, transformando-se em uma produção singular, que mescla literatura e jornalismo. “Epifanias que não tive” busca aproveitar-se de características da crônica, como a sutileza e o cotidiano a fim de levar os jovens à reflexão e de quebrar paradigmas impostos pela mídia em relação às drogas. A temática e a linguagem exploradas na crônica colaboram para que esse objetivo seja alcançado.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; opinião; literatura; crônica; drogas.

OPINIÃO NO JORNALISMO

Jornalismo e opinião sempre andaram juntos. É curioso pensar que nos primeiros momentos dentro da tão sonhada faculdade de jornalismo, escuta-se muito sobre a importância e dever da imparcialidade. Entretanto, quando se estuda os esse terreno da comunicação mais a fundo acaba-se por descobrir que a imparcialidade é um mito. O homem é um ser parcial e subjetivo, repleto de valores, preconceitos, dúvidas, julgamentos, experiência de vida. O jornalista não deixa de ser humano para atuar em sua profissão. A escolha das palavras, de fontes, de ângulos, de títulos, enfim, todas as escolhas feitas por esse homem-jornalista (ou jornalista-homem) transformam-no em um indivíduo indubitavelmente parcial e subjetivo.

Essa obsessão com a imparcialidade teve início no século XIX. Antes disso, o jornalismo era usado como conjuntura política, preocupado essencialmente em

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: giovananglima@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Univesidade Positivo, email teoriacastro@yahoo.com.br



convencer pessoas. A explosão do capitalismo deixou de lado essa preocupação. Agora, o objetivo era transformar a atividade jornalística em rendimento financeiro. Para isso acontecer, foi preciso realizar uma mudança radical no formato do texto, afinal, sabe-se que uma opinião não agrada a todos – às vezes nem a maioria. E, nesse contexto burguês era necessário agradar a maior quantidade possível de indivíduos, para que esses comprassem o jornal e gerassem lucros para a empresa jornalística.

A saída encontrada pelos empresários foi separar o que era opinião de informação dentro do jornal. É essencial lembrar que o espaço no do jornal para a opinião foi reduzido drasticamente. A informação, ao contrário, ganhou quase que totalmente o jornal, visto que era um conteúdo padronizado, feito especialmente para o consumo. “O jornalismo informativo afigura-se como categoria hegemônica, no século XIX, quando a imprensa norte-americana acelera seu ritmo produtivo, assumindo feição industrial e convertendo a informação de atualidade em mercadoria. (MELO, 1994).

Isso não quer dizer que a opinião limitou-se a ficar somente em seu espaço. Para José Marques de Melo (1994) não importa qual seja o artifício narrativo utilizado, cada processo jornalístico terá uma a dimensão ideológica própria. Toda subjetividade, interpretação, opinião, enfim, todo lado homem continuava lá, em cada letra, em cada olhar, em cada linha proposta pelo jornalista.

Apesar da subjetividade e concepções ideológicas, os pesquisadores do ramo concordam com a separação entre essas duas categorias. Com o passar do tempo e com desenvolvimento cada vez maior dos jornais e também com a transformação dos leitores, foi natural surgirem variados estilos de escrita e diferentes linguagens a serem utilizadas. Como de costume, os estudiosos buscaram catalogar cada um desses novos estilos a fim de mapear o sujeito para a leitura do jornal como explica Melo:

“Pelo menos, essa é a tendência corrente nos países capitalistas, onde o jornalismo torna-se cada dia mais um negocio poderoso e suas formas de expressão buscam adequar-se aos desejos dos consumidores ou equipara-se aos padrões das mensagens não-jornalísticas que fluem através do *mass media*.” (MELO, p.26 1994).



CLASSIFICAÇÃO DE GÊNEROS

Apesar disso, alguns estudiosos optam por aprofundar-se nessa área. No importante e completo livro de José Marques de Melo “A opinião no jornalismo brasileiro” (1994), percebe-se que mundo afora muitos dedicaram-se a realizar a classificação de gêneros. Entretanto, aqui no Brasil, somente um pesquisador fez essa divisão: Luiz Beltrão. As três categorias propostas por ele são: jornalismo informativo, que engloba a notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem; jornalismo interpretativo que foca a reportagem em profundidade e por último jornalismo opinativo - composto pelo editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor.

Na visão de Melo, a classificação feita por Beltrão não se ateu ao estilo, estrutura narrativa e técnica de codificação de cada gênero, “mas obedeceu ao senso comum que rege a própria atividade profissional, estabelecendo limites e distinções entre as ‘matérias’.” (p.60, 1994)

Para remover essa lacuna, Melo sugere uma nova classificação de gêneros visando a produção jornalística do Brasil. De acordo com o autor, é necessário reunir os gêneros em categorias que dizem respeito à intencionalidade dos relatos através de que se configuram. Duas vertentes são identificadas por ele, a primeira diz respeito a reprodução do real e leitura do real. “Reproduzir o real significa descrevê-lo jornalisticamente a partir de dois parâmetros, o atual e o novo. Ler o real significa identificar o valor do atual e do novo” (MELO, p.62, 1994). A segunda procura catalogar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos. Dessa maneira, o autor não refere-se a leitura especificamente à estrutura do texto, sons ou imagem que representem a realidade. “Tomamos em consideração a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (MELO, p.64, 1994).

Nesse sentido, a classificação feita por Melo é dividida em jornalismo informativo do qual fazem parte a nota, notícia, reportagem e entrevista e jornalismo opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Alguns gêneros se confundem dentro dessa classificação proposta pelo autor. Mesmo se perguntarmos para um cidadão que está familiarizado com jornalismo ele terá dificuldades em diferenciar comentário e artigo, por exemplo. Isso acontece porque os



gêneros têm características semelhantes. Entretanto, a crônica (assim como a caricatura) é facilmente reconhecida.

LITERATURA NO JORNALISMO

A crônica é um gênero jornalístico distinto, em primeiro momento, porque no campo da opinião é a única que fala de cotidiano mesclando literatura e jornalismo nos dias de hoje. A princípio eram os escritores que povoavam os jornais. De certa maneira, à contragosto. Os escritores desprezavam os jornais por considerá-los insignificantes, superficiais, banais. Helio Consolaro define genialmente a relação entre esses dois gêneros: “O jornalismo sempre foi a prostituta, quando a esposa amada era a literatura.” (2007). Porém, para os romancistas, era impossível sobreviver graças a publicação de livros. A solução encontrada foi sucumbir aos jornais, que ofereciam um salário garantido. Grandes nomes da literatura, como Machado de Assis, Clarice Lispector, José de Alencar, Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade já fizeram parte das páginas dos jornais. Os cronistas surgiram dessa invasão de romancistas para a imprensa.

Há quem diga – Jorge de Sá, por exemplo – que a crônica existia desde a época de Pero Vaz de Caminha. Nessa época, porém, ela funcionava como registro histórico. Uma observação que merece ser feita é que a palavra crônica tem várias denotações, porém todos sugerem na noção de tempo, a palavra vê do grego *chronos*, que significa tempo. O conceito de crônica como gênero literário inicia-se com o folhetim. “cronista literário deixa, assim de ser o intérprete da visão das classes dominantes, para ser o porta-voz dos sentimentos do homem comum, fazendo da crônica o relato de fatos e episódios que a historiografia tradicional não registrava”. (COUTINHO, 2008)

Segundo José Marques de Melo, o folhetim era um espaço semanal destinado ao registro dos acontecimentos. Os responsáveis por esse registro eram os escritores (1994). De acordo com Afrânio Coutinho (apud MELO 1994) o folhetim nasceu com Francisco Otaviano em 1852 e posteriormente teve nomes como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia e Coelho Neto.

É essencial lembrar que o folhetim não tinha as características da crônica atual. De acordo com Melo, o folhetim era um espaço destinado a comentários sobre os mais diversos assuntos. “Por isso é que existe uma identidade entre o folhetim brasileiro e a coluna dos jornais norte americanos, no fim do século passado.” (p.152, 1994)



Entretanto, o folhetim vai adquirindo com o passar do tempo características ímpares, transformando-se em um gênero autônomo: a crônica.

Ainda segundo Melo: “A crônica moderna gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda produção jornalística” (p. 154, 1994).

Antônio Candido discorre sobre a afirmação da crônica no país:

“Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga.” (1980, p. 9)

AS MARCAS DEIXADAS POR RUBEM BRAGA

Rubem Braga é um nome corajoso e essencial quando o assunto é crônica brasileira. Braga foi o único que praticou somente esse gênero e foi o que mais trouxe transformações para o mesmo. Davi Arrigucci explica:

“[Braga] forjou, na verdade, uma forma literária única, feita com a mescla de elementos variados, vindos até onde se pode perceber, da antiga tradição do narrador oral (...) e da bagagem do cronista moderno, associado à imprensa e experimentando na labuta das grandes cidades de nosso tempo.” (p.55, 1987)

O próprio cronista afirma “A verdade não é o tempo que se passa, a verdade é o instante” (apud SÁ 2001). Através do relato do fugaz, da retratação de memórias, da preocupação com a narrativa e do lirismo reflexivo ele mudou o rumo desse gênero no país. Arrigucci revela “Num mundo como o nosso, já bastante estandardizado,, de relações retificadas, onde tudo pode virar mercadoria e em si nada valer, o velho Braga, em meio ao mais efêmero, não apenas nos dá a impressão súbita momento de beleza fugitiva, mas a dignidade e a poesia do perecível, quando tocado por um dedo humano” (p.50, 1987). A crônica nunca mais foi a mesma depois de Rubem Braga.

É importante destacar que mesmo com o passar das décadas os textos de Braga não ficaram empoeirados em um canto qualquer do país. Isso se dá (além do fato de ele ser um cronista no mais puro sentido da palavra) pois, segundo Arrigucci, a crônica “parece



penetrar agudamente da substância íntima do seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos(..).” (p.53 1987).

De acordo com o mesmo autor, a crônica tem sido companheira quase que diária do leitor brasileiro (1987). Para Antônio Candido, a crônica é a filha do jornal e da era da máquina. Somente quando a tiragem dos jornais tomou maiores proporções é que a crônica efetivamente surgiu (1980). Uma das características da crônica que foi responsável por cativar esse leitor foi a simplicidade que a linguagem foi ganhando ao longo dos anos.

O coloquialismo proposto por esse gênero aproxima e familiariza o leitor. Candido discorre sobre essa questão: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas.” (p.5, 1980). Jorge de Sá explica que o coloquialismo deixa de ser a transcrição exata do que foi ouvido pelo cronista para a elaboração de um texto que conversará com o leitor. (p.11, 2001).

Essa conversa com o leitor não trata de temas sérios, densos ou perturbadores. Ao contrário, a crônica lida com os assuntos que abordam o dia-a-dia, o cotidiano. A sutileza é sua marca registrada.

OBJETIVO

Retratar o tema das drogas – especialmente a maconha – com um tom leve e não moralista. Produzir uma crônica com uma linguagem acessível para os jovens a fim de contribuir a partir para a reflexão na editoria “drogas” da Revista Picles.

JUSTIFICATIVA

A grande imprensa brasileira trata a questão das drogas sensacionalismo e de forma pejorativa, tendo como base conceitos morais e do senso comum. O espírito crítico e capacidade de julgamento do jovem são ignorados. Os malefícios e perigos das drogas são exaltados enquanto as sensações prazerosas são tratadas como inexistentes, irreais.



A mídia generaliza os efeitos viciantes da droga, transformando o ato de experimentar em uma sentença letal.

Para quem conhece a maconha com mais intimidade – empiricamente ou não – sabe que ela pode causar sensações positivas como a criatividade, euforia, bem-estar e agitação até outras desagradáveis como a paranóia, taquicardia, dependência. Generaliza - lá somente como destruidora de neurônios ou substância que leva até outras drogas mais pesadas é no mínimo incorreto. Além disso, a mídia tende a expor casos somente de pessoas que chegaram ao nível mais extremo do vício. Casos como em que o sujeito vendeu os móveis da casa, roubou um familiar ou se prostituiu para suprir a abstinência.

Uma parcela alta da população se informa pela mídia de massa, mas nem todas são capazes de ler, interpretar, pensar enfim, digerir o que é veiculado. Normalmente enfia-se o conteúdo goela abaixo sem nenhuma precaução.

A mídia de uma maneira geral possui um ponto de vista arcaico e extremista das drogas. “Epifanias que não tive” busca destruir o conceito imposto pelos veículos de massa através dos recursos da crônica, como a informalidade, o caráter intimista, o tom não moralista.

MÉTODOS E TÉCNICA UTILIZADOS

A matéria de Jornalismo Gráfico lecionada pelo professor Emerson de Castro Firmo da Silva voltou-se para os gêneros opinativos. O professor explorou gêneros: editorial, artigo, comentário, crônica e crítica. Além da aula teórica, os alunos eram convocados a produzir textos segundo o gênero estudado em cada encontro. O material produzido pela turma era lido e analisado em sala de aula pelo professor e alunos. Isso foi extremamente positivo e vantajoso, visto que a qualidade dos textos melhorava depois de passar por outros olhares e avaliações.

A revista Picles foi criada a partir dessa disciplina. O público alvo da revista eram jovens universitários de Curitiba e a faixa etária selecionada pelo grupo foi de 18 a 30 anos. O objetivo geral da revista estava voltado para levar o público jovem universitário à reflexão sobre temas variados que sejam de seu interesse. Além disso, outros objetivos específicos foram definidos a partir de uma pesquisa quantitativa realizada pela classe.



Os alunos foram divididos em 15 equipes – de acordo com os assuntos de interesse - produzindo reportagens, textos opinativos, comentários, crônicas, críticas.

A autora ficou responsável pela equipe que tratou da editoria referente às drogas. A escolha pela crônica se deu por dois principais motivos: afinidade da autora com o gênero e a leveza proposta pelo mesmo.

“Epifanias que não tive” foi escrito seguindo as características da crônica: exploração da técnica narrativa, leveza da linguagem, simplicidade ao retratar temas mais densos. Além disso, a experiência da autora foi bastante relevante, já que o texto mistura ficção e autobiografia. A relação mãe e filho – que pauta bastante as conversas dos jovens também foi explorada com intensidade pela autora. A desconfiança dos pais de que os filhos estejam envolvidos com drogas aparece por ser uma realidade nas famílias brasileiras.

Outra questão pertinente é que a autora tem uma visão diferente da moralista passada pela grande mídia – e aceita por muitos pais - em relação às drogas. Levou-se também em consideração a atualidade referente ao tema: a questão de liberar ou não o uso da maconha.

PRODUTO

Epifanias que não tive

Passava da meia-noite e eu virava de um lado pra outro da cama e tentava ajeitar o travesseiro. A insônia me incomodava e junto com ela vinha uma ansiedade perturbadora. Desci as escadas, peguei a chave do carro e caminhei com pressa até a porta. Precisava acalmar minha mente e sair daquele quarto sufocante. Enquanto destrancava a porta, ouvi minha mãe me chamando e correndo nos degraus. Ela estava com sua camisola bastante amassada.

- Onde você está indo essa hora?

- Comprar cigarros, não consigo dormir.

- É mentira. Você está indo fumar ‘unzinho’, disse e esperou minha reação.

Ri e falei com convicção.

- Não gosto de maconha.

Não menti. Realmente não sinto prazer algum ao fumar maconha. Maconha não me faria relaxar para conseguir ter uma noite agradável e um sono despreocupado.



Obviamente, para ter essa opinião tive que experimentar. E na maioria das vezes, só tive vontade de voltar à normalidade. Fui consumida por sensações horríveis, como o medo, o desespero, a paranóia. A famosa ‘bad trip’ que acontece raramente com as outras pessoas é rotineira pra mim quando se trata de maconha.

A droga mais popular do planeta não me atrai. Isso às vezes me dá uma raiva. Além de ser barata e de certo modo socialmente aceita, ela parece ser irresistível para várias pessoas com quem convivo. Tenho uma amiga, que também escreve. Ela me contou que consegue escrever páginas brilhantes e ter epifanias depois de alguns tragos. A inveja me invade quando penso nisso. Surtos criativos seriam acessíveis sempre que eu puxasse aquele gosto doce para dentro de meus pulmões.

Lembro-me de outra situação que minha mãe desconfiou que eu tinha contato com maconha. Um dia ela foi procurar sei lá o que em minha gaveta. No meio de livros e papéis amassados, ela encontrou cigarrilhas tipo bali-hai soltos. Para quem não sabe eles são uma espécie de papel marrom enrolado. Minha mãe é daquele tipo clássico, não tem idéia do formato de um baseado, nem da cor, nem do cheiro.

Ela arregalou seus olhos e segurou o cigarro entre os dedos, apontando-o para meu rosto.

- O que é isso?

- Ué, cigarrilhas.

- Isso aqui é maconha, não tente me enganar.

- Mãe, pelo amor de Deus.

Revirei minha bolsa e achei uma caixa com outras cigarrilhas dentro e mostrei a embalagem pra ela. Não sei se a convenci mais pela embalagem ou pela minha cara de indignação.

Apesar de considerar minha mãe inteligente, percebo que ela não conhece partes importantes do mundo em que vive. E nem quer conhecer. Parece às vezes até que ela se orgulha da sua ignorância em certos âmbitos. Um moralismo ridículo permeia seus pontos de vista e suas tomadas de decisão. Sobra inocência, falta malandragem.

E já que não tem jeito de convencê-la de que infelizmente eu não gosto de maconha, estou preparando uma resposta para próxima vez que ela vier com essas desconfianças infundadas e estranhas.

- Isso aqui não é maconha, mãe. É crack.



CONSIDERAÇÕES

A crônica é um gênero ímpar dentro das categorias do jornalismo brasileiro. A simplicidade, instantaneidade, lirismo e oralidade enobrecem-na. O leitor sente-se próximo, envolvido no que está sendo narrado pelo cronista. Antônio Candido em seu artigo “a vida ao rés-do-chão” descreve a crônica como um “gênero menor” (p.5, 1980). É impossível defini-la dessa forma. Felipe Pena em uma palestra na Universidade Positivo (informação verbal) no dia 8 de abril de 2010 concluiu de maneira ousada essa questão: “Escrever de maneira fácil de ler é que difícil”.

A pluralidade do gênero permite ao leitor interpretar o texto de diversas maneiras, resultando em uma riqueza de significações. “Epifanias que não tive” buscou preencher a lacuna referente à exploração uniforme que a mídia de massa faz em relação a maconha. Outro ponto é a crônica propôs a identificação dos jovens, através do próprio tema da maconha, da retratação do diálogo entre mãe e filha e da linguagem despojada. O processo de produção de “Epifanias que não tive” foi extremamente prazeroso. Além disso, perceber que outras pessoas haviam lido e gostado da maneira com que o tema foi exposto trouxe bastante lisonjeio. Essa e outras crônicas fizeram a autora optar por dedica-se somente a esse gênero em seu trabalho de conclusão de curso.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, E. ACRÔNICA DE RUBEM BRAGA: OS TRÓPICOS EM PALIMPSESTO. *Signótica*. Disponível em : <<http://sixmomtopmen.59.to/index.php/sig/article/viewFile/3718/3473>> Acesso em 10 de abril de 2010.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: Para gostar de ler: crônicas / Carlos Drummond de Andrade ... [et al.]. – Ed. Didática. – São Paulo: Ática, 1980

CONSOLARO, Hélio. **Jornalismo e Literatura: dois irmãos que se rejeitam**. Disponível em: http://www.viciadosemlivros.com.br/index.php/sapientiae/1269-jornalismo-e-literatura-dois-irmaos-que-se-rejeitam_. Acesso em: 10 de abril de 2009.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2001.

